

MEMÓRIA HISTÓRICA DE CANANÉIA (VII).

(Continuação).

CAPÍTULO XXIV.

OS MARTIRES DE CANANÉIA.

Cananéia, na frase de um escritor “oferece certa analogia com a Fênix mitológica”. Desde a aurora da existência do Brasil desempenhou papel predominante através de seus filhos adotivos.

Na verdade, foram êles que aplainaram ao próprio Martim Afonso de Souza o caminho erigido de dificuldades, e quando mais tarde os índios de Serra Acima, revoltados pela atitude dos portugueses, estiveram para exterminar a nascente colônia de São Vicente, foram os bons ofícios, a oportuna e valiosa intervenção de João Ramalho que, como o bacharel de Cananéia, acalmou os ânimos, varreu dos horizontes carregados de nuvens negras, a tempestade que se formara, conseguindo uma aliança entre naturais do país e portugueses, que se tornou fecunda em benéficos resultados, dos quais o primeiro consistiu em abrir o caminho aos europeus em demanda do sertão.

A expansão dos cananeenses, nesse primeiro ciclo de nossa história, é bem evidente.

Espalhando-se pelo litoral, tanto para o norte, — onde chegaram até São Vicente, — como para o sul, foram os primeiros desbravadores da costa de São Paulo.

Como diz A. Vieira dos Santos,

“os povos de Cananéia, originários d’aquelles estrangeiros europeus que, no anno de 1501 ali foram degradados, tendo cercado a sua população se animaram a

embarcar em canoas e pirogas, e sahindo barra a fóra, costeando as praias de Ararapira e Superaguy, entraram pela barra dentro das formosas bahias de Parana-guá, e admirados de ver em derredor dellas muitas habitações de indios Carijós e receosos talvez, de que lhes fizessem alguma traição, foram em direitura á ilha da Cutinga, para o lado do furado que a devida da ilha Rasa, onde principiaram a fazer suas habitações, por ser uma ilha circulada pelo mar, defensavel e de mais seguro asylo, se porventura os Carijós lhes quizessem fazer alguma emboscada”.

E ao descrever a magnificência da baía de Parana-guá e a surprêsa dos cananeenses ao avistarem-na, prossegue desta maneira interessante:

“Na verdade seria bem agradável aos primeiros povoadores vindos de Cananéa quando pela primeira vez entrarão pela barra a dentro de tão fermoço lago semeado de tantas Ilhas, e suas margens orladas de verdes mangais, circuladas de Serranias e montanhas de diversas figurações e alturas; acobertadas de riquissimos bosques, e espessas mattas onde sobresahe o Ararivá, o Cedro, a palmeira, a pindahyba e o Indaiá, onde cruzavão nos ares immensos turbilhõens de papagaios, tucanos e periquitos, onde exercitos de fermosissimos Guarás vestidos de escarlata, e quaes soldados Britanicos voavão em linha de batalha militarmente; onde o canto do pintaçilgo, do canario, do bonito e sabiá regozijavão os ouvidos, onde o trinado da Araponga repicava o sino da alegria pela boa vinda dos novos hospedes, e onde finalmente centenares de Indios Carijós, estupefactos nas suas pequenas Aldeas de que a Bahia estava povoada; e á portas de suas choupanas, ou dentro de pirogas de suas pescarias admirados estavam vendo a entrada daquelles novos hospedes que os haviam de senhoriar, ensinando-lhes a educação, a civilidade, a religião e a entram algum dia na ordem social das mais Nações; e talvez já estão meditando a maneira porque havião de expulsar á força taes hospedes estrangeiros, com algum assalto inesperado; mas aquelles novos ingressos, evitando taes ciladas se quizerão acautelar, indo desembarcar na ilha da Cotinga, como lugar de mais seguro asylo, onde logo principiarão a fazer seus estabelecimentos, esta vista linda e pittoresca das Bahias de Parana-guá, melhor as poderia escrever um Milton...”.

Tal versão, como diz Ermelino de Leão, é contrariada por um documento contemporâneo existente em Londres, que ex-

plica a origem do povoamento de Paranaguá atribuindo-o à circunstância de ter um indivíduo de nome **Caneda** ou **Peneda**, depois de incurso em processo, se refugiado na ilha Cutinga, para onde mais tarde mudou sua família e com ela outra de suas relações.

Esse fato, entretanto, em nada prejudica a opinião de Vieira dos Santos, porque, como dizem outros escritores, a expansão dos habitantes de Cananéia é verdadeira: se não foram eles os seus fundadores, não resta a menor dúvida, de que, já nos princípios do século XVI mantinham relações com os índios carijós, habitantes da baía paranaguense.

E' fato incontestável que as contínuas lutas entre tupis e carijós fizeram com que se tornasse necessária a ida de missionários para Cananéia, a fim de harmonizarem os ânimos dos mesmos, evitando quanto possível o sobressalto em que viviam os habitantes da povoação.

Foi assim que, na distribuição dos missionários para diversos lugares e nomeação dos que se haviam de encarregar dessa missão, procedendo à pacificação dos índios em guerra, recaiu a mesma nas pessoas de Pedro Corrêa e

“seu companheiro João de Souza, que como conjuntos á companhia, tinham o titulo de irmãos e gozavam de conceito religioso, pertencendo antes á classe dos colonos abastados”.

Os irmãos mandados por Nóbrega e Manuel de Paiva, como se sabe, eram três: Pedro Corrêa, João de Souza e Fabiano. Como diz Calixto, êste último não seguiu com êles para o sul, ficando em Cananéia, a fim de doutrinar aos tupis. Entretanto, segundo narra o padre Simão de Vasconcelos em sua **Crônica**, o irmão Fabiano ficou naquela povoação, para curar um castelhano que havia sido ferido na guerra por uma flechada. Essa guerra, que os missionários iam apaziguar, segundo o mesmo cronista, era promovida pelos castelhanos, aliados aos carijós, que vinham atacar os tupis e, naturalmente alguns portugueses, que ali com êstes estiveram sitiados.

O padre Simão de Vasconcelos, assim descreve a chegada de Pedro Corrêa à povoação de Cananéia, conhecida então como sendo o pôrto dos tupis:

“Chegados ao porto principal dos Tupis, entrou Corrêa prégando áquella gente e com a graça e eloquencia captivou o animo de todos e fes officio de Anjo da Paz; prometteram de não fazer mal aos Hespanhoes e assim cumpriram á risca. E' um dos motivos da ida. Trata-

ram logo de paz e negocio da fé e deram palavra de fazer um lugar esperado onde todos podessem ajuntarse e ouvir a doutrina christã; e o que é espanto, que chegaram a entregar-lhes os captivos, que tinham já em corcorda, como a engordar, para o pasto”.

“Entre estes, lhe deram um castelhano, que tinha vindo com os carijós contra elles á guerra; e com este, além de livral-o da morte, porque estava mal ferido de uma frechada que houvêra na guerra, deixou o irmão (Fabiano) ensinando a doutrina da fé, e esperando os companheiros que tinham partido em 5 de Outubro”.

Como afirmam vários cronistas, nem Pedro Corrêa nem João de Souza eram sacerdotes, pois que êste último, Fabiano, era irmão leigo e Pedro Corrêa e João de Souza, irmãos eclesiásticos, — **aspirantes** ao sacerdócio apenas, como diz Benedito Calixto, que em seu trabalho sôbre a Capitania de Itanhaém, escreve:

“Pedro Corrêa e seus dois irmãos, não eram pois os primeiros **padres** que ali (en Cananéia) apareciam, como diz a tradição, porque antes dessa data (1554) já ali haviam estado Leonardo Nunes (**abarébêbé**) e Manoel de Paiva, o qual, como refere Simão de Vasconcellos, já tinha estado nesse sertão de Iguape e Cananéia, onde havia livrado da morte um castelhano que estava cativo dos tupis o qual castelhano se supõe ser o mesmo que mandára martirisar Pedro Correea e João de Souza”.

“O padre Leonardo Nunes, que faleceu neste mesmo anno de 1554, e que percorreu constantemente toda essa costa e sertões do sul em companhia de Pedro Corrêa, merecendo por isso o apelido de abarébêbé (padre voador), pela presteza com que acudia ás necessidades de seu ministerio, — e que foi o fundador da primeira capela da aldeia da praia de Peruhibe, que tem hoje o seu nome, bem poderia ter sido, com Manoel de Paiva o fundador dessa primeira igreja de Iguape, etc.”.

Mas, como já vimos, não só aos irmãos Fabiano como a Pedro Corrêa e João de Souza, coube a difícil missão do apaziguamento dos índios carijós, em suas desavenças para com os tupis habitantes da região sul paulista.

Foi assim que, em agôsto de 1554, partiram os mesmos de São Vicente e chegando a Cananéia, onde, como diz Machado de Oliveira, estava o principal alojamento dos tupis, deram-se logo aos trabalhos apostólicos a que foram destinados, empregando-se com afinco, ora numa ora noutra tribo, a destruir a antropofagia, que tão comum era ali, e a extinguir o ódio que

subsistia entre ambas, sempre aplaudido e fomentado pelos forasteiros.

“Dai — continua aquele historiador — derivou-se o seu martirio, pois que os hespanhões que vagavam entre os dous alojamentos, tupís e carijós procuravam brechas para introduzir a discordia e apreensões no animo dos indios contra os padres, tendo a estes como adversos ao seu atroz procedimento, alcançaram que com doutrina oposta á adotada pelos missionarios, podiam subordinar os indios á sua, e progredir em seus nefandos intentos; e o conseguiram na occasião em que os padres mais se empenhavam em dissipar o odio entre os indios e as animosidades dos forasteiros”.

A acrescenta: “Andavam os missionarios nesta diligencia, quando, encontrados em viagem pelos Carijós, que, pela susceptibilidade da sua indole fragil e odienta, deixaram-se facilmente eivar das malevolas sugestões dos perversos, foram pelos barbaros acometidos em paragem desviada do alojamento dos indios, e mortos a frechadas, sem que lhes valesse a attitude supplicante que tomaram” (135).

Por sua vez o padre Simão de Vasconcelos também se refere ao padre Fabiano, bem como aos mártires Pedro Corrêa e seu companheiro João de Souza, cuja morte ocorreu

“quando para ali partiram de Piratininga em Agosto de 1554, tendo sido victimas em Setembro, não só dos Carijós, como o declara Machado de Oliveira, mas também dos Tupis, “servindo de pretexto ao triste acontecimento, “o odio de um castelhano, que fôra por elles reprehendido, pela escandaloza mancebia em que vivia com uma india”.

O padre José de Anchieta referindo ao mesmo assunto, disse:

“Este homem que os fez matar, era um castelhano que estava captivo entre os Tupis, e o padre Manoel de Chaves o livrara da morte da qual também livrou uma india Carijó que elle tinha por manceba, a qual casaram os padres; e porque não quizessem dal-a ao barragão; e que por isso tomou tão grande odio aos padres que veio a parar em fazer matar os irmãos”.

(135). — Machado de Oliveira, *Quadro Histórico da Província de São Paulo*, págs. 51-51 v.

Para o historiador paranaense, dr. Ermelino de Leão, o castelhano a que se refere o padre Simão de Vasconcelos, não era outro senão o próprio Rui Mosqueira que, fugindo do rio da Prata se refugiara em Cananéia, onde construíra um forte.

Quanto ao local em que se dera o trágico assassinio, diz Calixto ter sido “nas fraldas da Serra do Mar”, quando de volta do sertão dos carijós, enquanto que E. G. Young, em sua **História de Iguape**, baseado em documentos antigos, diz ter sido lugar onde se encontra a povoação de **Araraquara**, denominação esta que repete mais de uma vez. E’ evidente o engano, pois em tôda aquela região não há povoação alguma com êsse nome, mas sim **Ararapira**, que começou por aldeamento de índios.

Para nós, tal acontecimento ter-se-ia dado na referida povoação, que desde os primeiros anos após a descoberta do Brasil, já constituía o ponto de reunião dos habitantes daquela paragem, que assinalava a linha de contacto entre as duas tribos.

Milliet de Saint-Adolphé diz:

“Em 1554 o jesuita Pedro Corrêa, discípulo do padre Anchieta baptizou neste sitio (Cananéia), um sem numero de índios Tupís; e fez-lhes fazer paz com os Carijós, já aliados dos portuguezes” (136).

Outros, porém, como Calixto, que tomou êsse fato como motivo para o belo painel existente na igreja de Santa Cícilia, na Capital (São Paulo), contradizem tal opinião, afirmando não ter sido o mártir de Cananéia discípulo do grande traumaturgo, mas sim do padre Leonardo Nunes, não podendo ter batizado índio algum naquela ocasião,

“pelo simples motivo de não ser ainda sacerdote quando faleceu”.

E acrescenta:

“Pedro Corrêa era apenas irmão escolastico da Companhia de Jesus, quando foi martyrisado e morto em 1554; e como tal não podia administrar sacramento.

“Quem podia ter feito esses batisados, teria sido, talvez, o Padre Leonardo Nunes ou o seu companheiro, o Padre Manoel de Chaves, conforme afirma o cronista Simão de Vasconcellos”.

(136). — Milliet de Saint-Adolphé, **Dicionário Geográfico do Império do Brasil**, vol. I, pág. 224.

Pedro Corrêa, que teve por mestre no seu tirocínio de irmão escolástico o padre Leonardo Nunes, recebeu de José de Anchieta algumas lições de gramática latina, ensinando-lhe ao mesmo tempo as primeiras noções de língua tupi, na qual Corrêa era versado.

Segundo narra Simão de Vasconcelos, Pedro Corrêa havia sido um terrível caçador de índios do litoral, sendo mais tarde convertido pelo padre Leonardo, fato êsse que teve lugar no ano de 1549, nas proximidades do Guaraú, entre o rio Una do Prelado e Peruíbe, pois era aí, na **ilha grande** do Guaraú, que costumava ancorar as suas naus.

Depois da morte de Pedro Corrêa e João de Souza, como dizem os cronistas, ficou paralisada a catequese do litoral por algum tempo, missão essa que só foi reencetada de 1556 em diante, depois que José de Anchieta recebeu as ordens sacerdotais e assumiu o verdadeiro encargo de “apóstolo dos gentios do litoral do sul”, como diz Ermelino de Leão.

*
* *

CAPÍTULO XXV.

O MERIDIANO DE CANANÉIA — INCURSÃO DE RUI MOSQUEIRA — ARRASAMENTO DA POVOAÇÃO.

A notícia do descobrimento da América por Cristóvão Colombo causou grande mágoa a D. João II, de Portugal, que tarde se arrependeu do mal que fizera em não atender ao illustre piloto, enquanto enchia de contentamento a D. Fernando, rei de Espanha, o qual imediatamente recorreu ao Papa Alexandre IV, naquele tempo árbitro dos reis cristãos, alcançando do mesmo uma bula concedendo-lhe o domínio de tôdas as terras descobertas e por descobrir, que ficassem ao ocidente de uma linha imaginária, que cortasse o mundo em duas partes iguais, passando a cem léguas das ilhas dos Açores e do Cabo Verde.

Esta bula contrariou ao rei de Portugal, que pretendeu fazer guerra à Espanha, chegando-se entretanto a um acôrdo, que foi assinado a 7 de junho de 1494, celebrado em Tordesilhas, e pelo qual, a referida linha correria contando-se trezentas e sessenta léguas das ilhas de Cabo Verde para o ocidente, cujo hemisfério pertenceria à Espanha, ficando o oriente para Portugal.

Descoberto o Brasil no ano de 1500, restava saber-se que região do mesmo apanhava a linha geográfica assinalado por esse tratado, segundo o conceito espanhol.

Sobre o interessante assunto não podemos furtar-nos ao prazer de transladar para aqui a brilhante página escrita pelo grande mestre Afonso d'Escragnolle Taunay que assim o esmerilhou, citando a opinião de geógrafos e cosmógrafos da época:

“Naturalmente entendiam os portuguezes impeli-la o mais possível para Oeste, e, em compensação, os castelhanos para Leste.

“Dai uma infinidade de comentarios complicados, pela deficiencia de conhecimentos geograficos.

“Entre os espanhoes do seculo XVI foi-se formando a crença de que o meridiano de Tordesilhas entrava no Brasil em Cananéia, a uns cinco graus de longitude oeste do Rio de Janeiro, fazendo ao Brasil hodierno a ablação total do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e Amazonas, de dois terços dos territorios de S. Paulo e Goiaz, nove decimos do Pará, enorme pedaço de Minas Gerais, quiça ao todo, uns cinco e meio ou seis milhões de quilometros quadrados, talvez dois terços do nosso territorio actual”.

.....
“Estava escaldante em 1579 a questão da sucessão do trôno luzitano.

“Decrepito extinguiu-se o cardeal Rei. Em torno do seu leito de moribundo, ferozes se agitavam intrigas e cubiças. Às mancheias comprava o terrivel pretendente, que era Felipe II, os grandes fidalgos do Reino, por intermedio de Cristovam de Moura”.

.....
“Fôra o Brasil por essa ocasião alvo de negociações; quizera Felipe II cedel-o á duqueza de Bragança, em troca da desistencia dos seus direitos ao trono, ao prior de Crato, mais tarde pela renuncia de pretensões irrealisaveis.

“Desejando dar anticipado balanço ao que do tio ia receber como herança, ordenava o monarcha espanhol aos seus cosmografos que o informassem sobre as diferentes regiões lusitanas brevemente incorporadas á immensa monarchia sobre a qual jamais se deitava o sol.

“Em obediencia a isso, surgiu o relatorio hispano-italianiforme, do cosmografo real **Juan Bautista** ou **Giovanni Battista Gesio**, assinado em Madrid em 24 de Novembro de 1579.

“Começava por informar ao seu soberano que o Brasil “es tierra continuada con el Perú por la Provincia de la Plata, del Dorado y otras entremedias, y tambien de la costa de la mar del norte se continua con tierra firme por la Provincia del Maranon, etc.” (137).

João de Barros, achava que a linha meridiana devia passar a setenta léguas a oeste do Cabo de Santo Agostinho.

Assim, como diz Afonso de Taunay

“ficaria o Brasil legitimamente portuguez, reduzido á faixa de terras limitadas pelo meridiano de Cabo Frio, um decimo talvez do que é hoje”.

“Entretanto, ainda a tal respeito discordavam sabios geografos italianos.

“Americo Vespucio só conciderava legitimamente portuguez, o que limitasse um meridiano passado a vinte leguas a oeste do cabo S. Agostinho. Insignificante nesga de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe.

“Y todo los demás es de Castilla”.

“Com esta opinião ilustre se afirmava outra não menos respeitavel, a de Sebastião Caboto.

“De que valiam aliás, as negativas de João de Barros, gratuitas ipotéticas?

“André de San Martin, abalisado cosmografo de Fernão de Magalhães, sustentava que a linha tordesilhana passava muito ao oriente do Cabo S. Agostinho.

“Fosse como fosse, legitimamente ou não, achavam-se os portuguezes implantados no litoral brasileiro, desde Itamaracá até Cananéia, com trezentas e cincoenta leguas de costa, oito capitánias, dezenove povoações e tres mil e seiscentas familias de povoadores.

“Longe das exagerações do geografo filipino, vigorou, contudo, entre os espanhões da America, como criterio médio, a idéia firme de que a linha divisionaria penetrava em Cananéia.

“Repudiavam-na, contudo os paulistas, desde os primeiros anos. Queriam leval-a muito a oeste, fazendo-a partir do Prata. Era talvez um dos pretextos para a legitimação das suas incursões pelo sertão a dentro, á busca de indios.

“Seja como fôr, deste modo de ver deram continuas e fortes demonstrações, a cada momento invocando os direitos de sua corôa sobre as terras do Sul do Brasil.

(137). — Anais do Museu Paulista, tomo I, págs. 144 e segs. — Descripcion de la Provincia del Brasil hecha por Juan Bautista Gesio, 1579.

“E a convicção nos resta de que, não fôra esta attitude e a pertinácia do rechassamento dos espanhóes para oeste, seria hoje a fronteira meridional do Brasil a linha divisoria dos Estados de S. Paulo e do Paraná. Ao sul do Paranapanema teríamos o Paraguay, a Argentina ou o Uruguai, mas é certo que os nossos tres Estados meridionaes não seriam brasileiros” (138).

No ano de 1600, como diz o erudito historiador, o limite extremo do Brasil ao norte era o Potengí e, ao sul, Cananéia.

Essa questão de limites e dúvidas suscitadas pela linha tordesilhana foi que deu lugar à resposta de Rui Mosqueira, quando intimado a abandonar Cananéia, alegando que

“estava em possessões do Rei de Castella e que ali se sustentaria enquanto lhe conviesse”,

porque como supunham os castelhanos, essa povoação encontrava-se em possessão espanhola.

Essa mesma presunção se verifica ainda em outro documento também citado por Afonso d'Escragnolle Taunay.

Desejando o govêrno espanhol saber o que era a província de Viaza (139), quantos índios tinha e outras informações mais, Hernanderias de Saavedra a 12 de maio de 1609, de Buenos Aires escrevia ao rei de Castela satisfazendo ao pedido real e referindo-se ao transporte de gente, pedia que:

“Assim mandasse sua magestade destruir el puellezuelo que los portugueses tienen comenzado a hacer en la Cananéa, porque además de que aquello está en la corona de Castilla y no en la de Portugal, se evitará el ir llevando tanta gente de esta provincia del Biaça al Brasil, de la resgatada y della a fuerza de armas y que las tienen y aun venden por esclavos e tienen este nonbre entre ellas” (140).

Apesar da insinuação do governador de Buenos Aires ao seu soberano a povoação de Cananéia não foi arrasada, e tanto assim que na **Peticion presentada por el P. Thomaz de Ureña, Procurador General y Almirante de las provincias del Rio de la Plata, Don Luiz Aresti**, a nove de julho de 1644, diz êle

(138). — Afonso d'Escragnolle Taunay, *História Geral das Bandeiras Paulistas*, tomo segundo, pág. 125.

(139). — Sobre Viaza ou Viaça, diz Taunay, tal nome era o da região hoje catarinense da “Isla de Santa Catalina que tiene aquel puerto famoso llamado de los Patos”.

(140). — Afonso d'Escragnolle Taunay, *História Geral das Bandeiras Paulistas*, tomo II, pág. 347.

que tendo estado em Cananéia, já esta povoação contava com uns 100 vizinhos.

Rui Mosqueira apesar das declarações feitas, retirou-se pouco tempo depois, indo até Santa Catarina, tendo, durante a sua permanência no litoral de São Paulo, fundado uma fortaleza em Cananéia.

Mais tarde regressou novamente e vamos vê-lo envolvido nos acontecimentos mais importantes ocorrido sem Cananéia e Iguape, como descreve o jesuíta francês Charlevoix.

A povoação de Cananéia, porém, continuou a prosperar, aumentando em virtude de sua posição geográfica e do seu tráfico com os índios carijós da baía de Paranaguá. Como diz o historiador paranaense dr. Ermelino de Leão,

“Era antes um posto avançado dos espanhoes, para impedir que os portuguezes fossem conquistando as terras que Mosqueira considerava castelhanas”.

Visitado por quase todos os navios que demandavam as costas sul-americanas, o antigo estabelecimento dos tupis, assumiu as proporções de um verdadeiro entreposto entre os habitantes ou povoações do norte e do sul do continente sul-americano, pois o pôrto de Cananéia era incontestavelmente um dos mais conhecidos pelos navegantes, que cruzavam os nossos mares desde a época da descoberta do Brasil, sendo a ilha do Bom Abrigo, como dizia Rangel Pestana, o ponto escolhido pelas embarcações de longo curso ou de cabotagem, que navegavam ao longo da costa do sul, para, — acolhendo-se a esse **seio de Abraão**, fazerem aguada, bem como refugiarem-se quando

“acossados pelos temporaes comuns em certa estação do ano”.

*

* *

CAPÍTULO XXVI.

MONUMENTOS E CURIOSIDADES.

Cananéia, cujo ressurgimento, depois de mais de um século de estagnação, já se delineia claramente devido à situação de que goza e às patentes riquezas guardadas em seu seio, não escapará da destruição impiedosa por parte da alavanca do progresso que fatalmente fará desaparecer para sempre os vestí-

gios dos tempos, marcos assinaladores de sua existência anterior, símbolos augustos de um passado de glórias e tradições.

E quanta coisa interessante para o estudo da História não vai sendo sistematicamente demolida, apesar dos reclamos da imprensa, pugnando pela sua conservação e até mesmo restauração.

Não deveriam ser os fabulosos tesouros ocultos no Bom Abrigo, — frutos da pirataria, — a causa principal a prender a atenção de quantos a visitam, nem as riquezas sepultadas pelos jesuítas debaixo dos alicerces do Colégio, ou ainda os encantados tesouros da ilhota da **Coisa Boa**, no canal de Ararapira, onde se levanta a grande rocha de forma cônica, a que os moradores da circunvizinhança deram o nome de — **igrejinha**.

No entanto, para êsses pontos solitários, por mais de uma vez foram dirigidos olhares cúpidos, não só de alguns dos seus próprios filhos, como também de pessoas estranhas procedentes de outras terras.

E o sonho do ouro amontoado e acumulado, empolgando a imaginação popular nada mais fêz do que criar para aquela ilha pitoresca as mais formosas lendas, enriquecendo o folclore regional.

Não contestaremos a existência de antiqüíssimos roteiros e mais ainda os sinais traçados sôbre as rochas do Bom Abrigo, como que indicando misteriosos rumos, aguçando a curiosidade dos aventureiros, despertando a imaginação dos sonhadores.

E' costume dizer-se que a história da antiga povoação, em seus princípios apresenta-se-nos cheia de falhas e contradições, muitas das quais teriam sido sanadas se mais cautelosos houvessem sido os nossos antepassados, quando é certo que, de nossa parte, também existem êsse mesmo desinterêsse e incúria.

*

Apesar de sua idade centenária, a antiga povoação dos tupis é muito pobre em monumentos, como passaremos a demonstrar.

Uma das originalidades de suas construções foi o material empregado para êsse fim e a solidez extraordinária das mesmas.

Assim, ao contrário do que se observa nas demais cidades praianas, não existe ali um só edifício feito de taipa. Em regra, todos êles o são de pedra e cal e, ao que se diz, com argamassa feita com azeite de baleias, tal a consistência que apresentam.

Por outro lado, muito embora todos os prédios sejam muito baixos, as paredes, quer internas ou externas, são excessivamente resistentes, medindo de cinquenta a sessenta centímetros de grossura, devendo notar-se que apenas existem quatro prédios assobradados.

A explicação para isso parece estar no que escreveu Pero Lopes de Souza, no **Diário da Navegação da Armada**, referindo-se aos 44 dias em que a frota afonsina permaneceu no Bom Abrigo (Cananéia) dizendo:

“Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos (sul e sudoeste), e tam rijos como eu em outra nenhua parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras e nos quebraram muitos cabres”.

Realmente, estando a cidade situada no alto de uma baranca, cêrca de 6 metros de altitudes sôbre o nível do mar, as tormentas, não só de sudoeste, mas também as de noroeste, a todos infundem receios pela violência com que sopram.

O único monumento existente na cidade é a Igreja Matriz de São João Batista, a que nos referimos em capítulo especial.

De um colonial muito simples, é dos templos mais antigos de São Paulo, datando sua construção dos meados do século XVI. Mesmo assim, internamente tem passado por ligeiras reformas, perdendo os seus magníficos altares, demolição do seu lindo púlpito, das “linhas” e até mesmo do soalho, últimamente substituído por ladrilhos.

*

Outros monumentos de grande importância, o marco e os dois tenentes, que foram deixados em princípios do século XVI sôbre o pontal do Itacurussá pelos primeiros navegadores.

Dêles também escrevemos um capítulo especial.

Quanto à rocha sôbre a qual permaneceram por mais de três séculos, ela ainda pode ser observada na extremidade do referido promontório.

*

Na relação dos monumentos não podemos deixar de incluir os sambaquis, que, em número apreciável, erguem-se em diferentes pontos do município, na parte próxima à beira mar.

Infelizmente alguns dos mais importantes já foram arrazados e outros estão sendo explorados, de tal maneira que den-

tro de poucos anos nenhum mais existirá em Cananéia, desaparecendo sem que os estudiosos tenham podido estudá-los convenientemente..

Entre os grandes sambaquis de Cananéia, avulta por sua importância histórica o do sítio Boa Vista, na ilha Comprida, situado no local em que teve assento a primeira vila. Infelizmente, ainda não estudado, já está condenado à destruição, por ter sido adquirido por terceiros, devendo ser explorado dentro de pouco tempo.

*

Quanto às curiosidades, embora ligeiramente, diremos ser presunção geral a existência no Largo da Matriz de uma galeria subterrânea que, segundo a tradição, devia ter servido de presídio.

Como é notório, o rebaixamento de nível do terreno, por efeito das águas que constantemente com as chuvas arrastam as areias para o mar, fêz com que aflorassem à superfície do solo algumas pedras, colocadas em linha, à semelhança de um alicerce que se estende de norte para o sul.

Muita gente, ainda hoje, admite que tal construção ou parede, avance por baixo dos alicerces dos prédios da rua Dr. Alcoforado, que corre paralelamente ao mar.

Isso, por ser a sua origem desconhecida. Entretanto, compulsando os livros de registros da Câmara, recolhidos ao Departamento do Arquivo do Estado, em um dêles, do ano de 1675, encontramos à fls. 20 o Provimento deixado pelo Ouvidor e Corregedor Manuel dos Santos Lobato, em 15 de agosto de 1739, que esclarece o assunto, dizendo em um dos seus Capítulos,

“que se fizessem duas pontes de pedra e cal e que abrissem os valos e se reedificasse a fonte, fazendo-a maior, com o seu cano de ferro, coradores, poiaes, ou assentos ladrilhados por cima com tijolos ou com lage de pedra, um de cada lado da dita fonte e a outra se alimpasse e se abrissem os valos dela, para maior va-são da agua, etc.”.

E no capítulo seguinte:

“Achou mais que em o terreiro desta Villa que me-dêa os passos da Camera e Igreja Matriz se achão dous edificios de cazas arruinadas, pelo que:

Proveo que elles, dittos Juizes, e mais officiaes da Camera e todas as mais pessoas que nas ocupaçoens lhes



Fig. 20. — Os mártires de Cananéia (1555). Quadro de Benedito Calixto existente na Igreja de Santa Cecília, em São Paulo.



Fig. 21. — Igreja Matriz.



Fig. 22. — A casa mais antiga de Cananéia. (Praça Martim Afonso).



Fig. 23. — Sambaqui da Ilha Comprida.



Fig. 24. — Vista ger

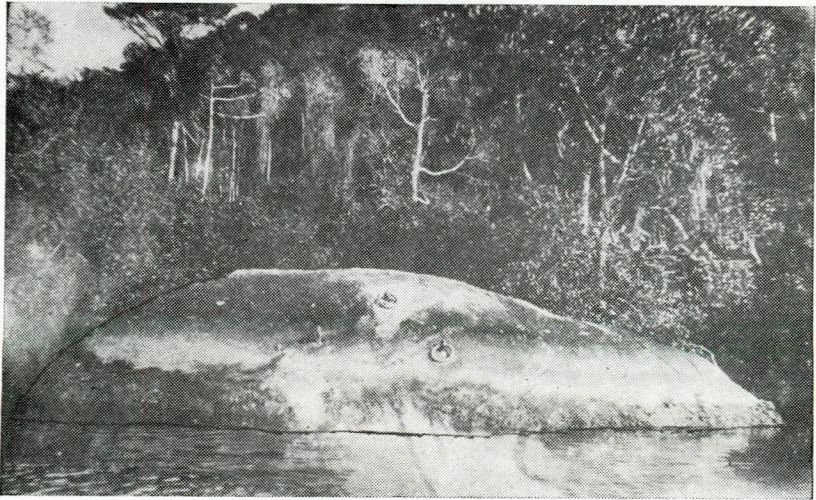
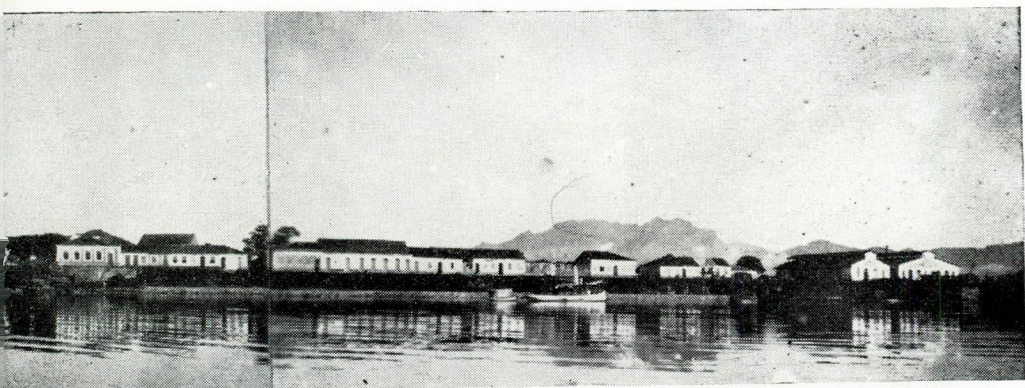


Fig. 25. — Argolão de bronze (chumbado com chumbo).



Cananéia em 1930.



Fig. 26. — Figueira com o primeiro chafariz de Cananéia.

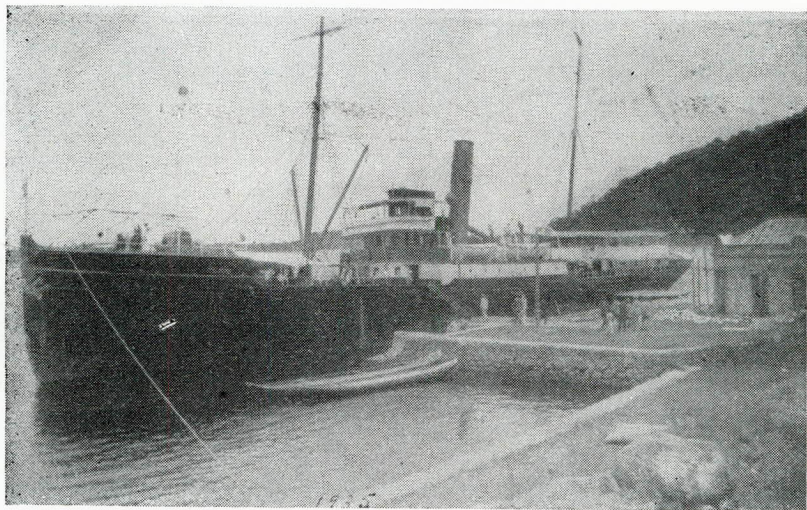


Fig. 27. — Pôrto de Cananéia. Vapor Itaituba atracado ao cais (1914).

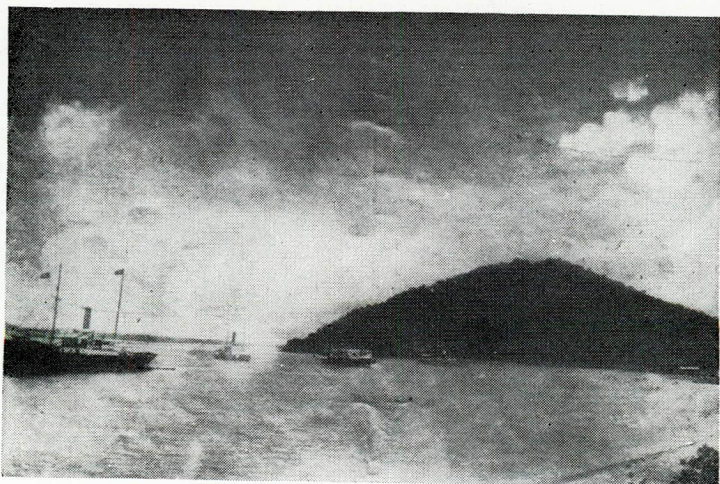


Fig. 28. — Pôrto de Cananéia. Quatro navios ao largo.

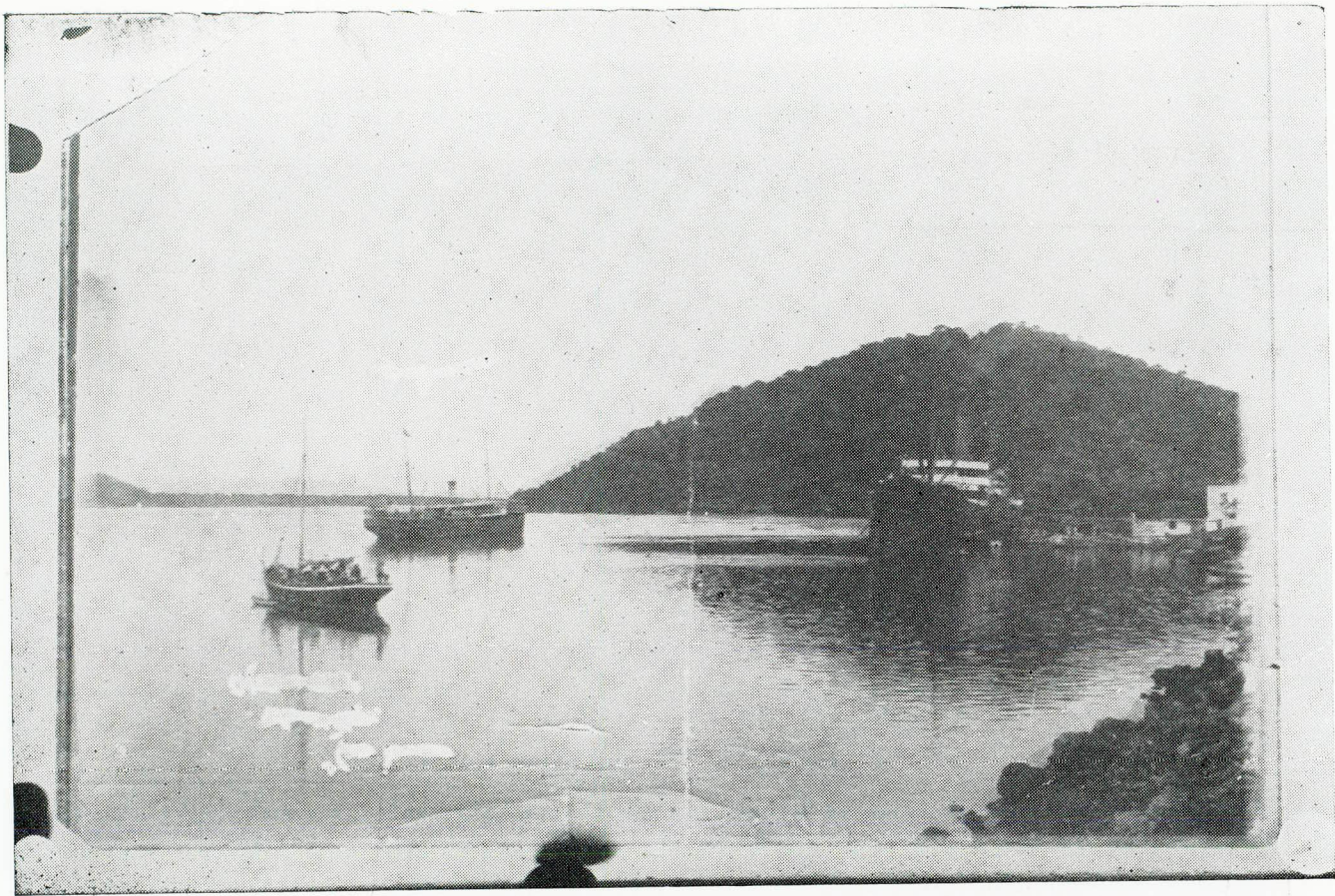


Fig. 29. — Vista do Pôrto de Cananéia. Atracado no cais municipal o navio
"Conde de Asdrubal", 5.500 toneladas. Fotografia de 1910.



Fig. 30. — Destacamento policial de Cananéia em 1912. O que está na primeira fileira em frente da porta e junto ao cabo chamava-se Francisco Rodrigues Alves e era sobrinho do grande Presidente Rodrigues Alves.

succederem, não consintam que se reedifiquem nem de alguma sorte se concertem, mas antes faça sabedores a seus donos que edifiquem otras propriedades em otras partes em que fiquem arruadas por cordas direitas, dando-lhes chãos que lhes forem necessarios, gratuitamente, sem os aforarem por redundar em utilidade e bem commum desta povoação haver nella edificios, assim como tambem o ser de menor utilidade e ayroso, estar as duas propriedades de casas referidas em o terreiro e largo que medêa nos dittos passos da Camera e Matriz desta villa”.

Como se vê, outra coisa não significam os referidos vestígios, senão os alicerces de primitivos prédios construídos no lugar onde mais tarde foi localizado o Largo da Matriz, hoje praça Martim Afonso de Souza.

A seguir, proibia terminantemente a cessão de posses no morro, e tão somente aforamentos, por ser rossio da Vila, responsabilizando os officiais da Câmara que tal direito concedessem.

*

Entre as curiosidades locais — algumas delas citadas em documento santigos, outras assinaladas pelos historiadores — citaremos a da existência de uma gruta de grande extensão, na ilha do Cardoso, no fim da qual se observam ossadas de animais estranhos, e bem assim uma escada de pedra, obra natural.

*

Tmbém, na mesma ilha, para o lado do Oceano e em lugar quase inacessível, existem os dois **foles**, grande e pequeno. A êles já nos referimos na parte geográfica, citando-os entre as curiosidades ali observadas.

São orifícios existentes nas rochas, com saídas para o fundo do mar e que, devido ao fluxo e refluxo das ondas, aspirando fortemente o ar exterior, produzem sons sibilantes.

*

Narravam pessoas antigas que percorrendo a referida ilha, por mais de uma vez foram deparar com uma lagoa ou fonte no cimo da montanha, cuja água, ao que afirmavam, encontrava-se em estado de constante efervescência.

A mesma coisa nos é revelada no **Relatório** apresentado em 1887 ao presidente da Província, pela Comissão Central de Estatística.

*

Além de outras grutas nos morros do Cardoso, Rio Branco e na Cordilheira de Itapitanguí, ao que rezava um antigo manuscrito que encontramos no arquivo da Câmara,

“existe no rio Tabatinguara no morro da Avenca, uma agua corrente que se acha contantemente morna, assim tambem na serra do Cadeado ha uma agua que no gosto se assemelha á pedra-hume e onde não é encontrado qualquer vivente”.

*

Recordando os tempos coloniais, ainda há poucos anos era observado ao lado da cidade, junto à praia que borda o morro de São João, um amontoado de pedras soltas, encimado por enorme arganeo de ferro, defronte do lugar onde houve um estaleiro. Esse amontoado de pedras a que se chamava — A Paixão, — deu nome ao local ou pôrto, que ainda o conserva, apesar do seu desaparecimento.

Outro lugar também assinalado pela existência de antigo estaleiro é encontrado na parte oriental do citado morro, onde se acha estabelecida a “Indústria de Conservas Alimentícias Argolão”.

Ali, à beira d’água chama a atenção do visitante a curiosa “pedra do Argolão”, bastante larga e chata, na qual haviam sido cravados ou antes chumbados, três grandes argolões de bronze, dos quais agora restam apenas dois.

Serviram outrora para amarração de navios ou para que-rena dos mesmos, quando se tornava necessária a limpeza dos cascos.

Nesse estaleiro foram construídas algumas das últimas embarcações de Cananéia.

Quanto à **pedra do argolão**, pode ser considerada como preciosa relíquia da terra do Bacharel.

*

Disseminados por vários pontos do município encontram-se muitas ruínas que recordam os tempos coloniais e bem assim a entrada dos bandeirantes no sertão, como os vestígios da mineração de ouro nas cabeceiras do Rio das Minas.

Se no Bom Abrigo, como já dissemos, em pedras esparsas desde o sopó do monte até ao alto, encontram-se misteriosos caracteres, assim também, uma pegada estampada sôbre uma pe-

dra, no Pindaúva, fêz com que a imaginação do povo criasse lendas interessantes a seu respeito.

*

Entre as coisas que o passado nos deixou, podemos citar ainda os vestígios da antiga “armação das baleias”, na ilha do Bom Abrigo, representados não só pelas ruínas ali existentes como pelo próprio fôrno de que se utilizavam para a fabricação do azeite.

*

Segundo a tradição existiam vários altares e nichos colocados diante de alguns dos prédios da antiga vila, destinados às festas da Semana Santa.

Dêles apenas dois chegaram aos nossos dias: um altar de pedra, que perdurou até o ano de 1890, mais ou menos, construído junto à parede de um pardieiro do largo da Matriz, o qual, sendo adquirido pelo saudoso cananeense, professor Lindolfo Procópio Gomes, foi por êle demolido e ligado ao prédio vizinho, de sua propriedade, desaparecendo assim o velho altar.

O outro é um nicho feito na parede do prédio da rua Dr. Alforado, esquina da antiga travessa da Glória, hoje rua Pedro Lopes, adquirido por d. Tereza Lombard, que, reformando-o, fêz questão de conservar a parte da velha parede onde se acha.

*

Ainda há poucos anos ostentava-se junto à explanada do Sambaqui, um grande tanque abandonado, feito de pedra e cal, e ultimamente demolido por um dos prefeitos municipais que vendeu as pedras para a extinta Fábrica de Barril de Cananéia: era a **fonte das lavadeiras**, que assim deixou de existir, quando poderia ter sido aproveitado para a instalação de uma fonte moderna.

*

Três chafarizes existiram na vila: o primeiro no alto da explanada do Sambaqui, onde se ostentam seus últimos vestígios; o segundo, de estilo colonial, ao centro do Largo da Matriz e o terceiro e último, na antiga travessa da Glória, com frente para o norte.

Os dois últimos foram demolidos há muitos anos, enquanto que do primeiro restam ainda algumas partes, que não correspondem à sua forma primitiva, pois que, ao ser construído

no ano de 1888, quando foi instalada a canalização de água na cidade, apresentava a forma de um cône, encimado por pequeno globo de metal sustentado por uma haste de ferro (141).

Por ocasião da revolta de 1893, estando sediado em Cananéia o 4.º Batalhão da Fôrça Pública, comandado pelo Coronel Macedo, tendo como Assistente o dr. Alípio Borba, êste, certo dia, em exercício de tiro tomou o referido globo como alvo, destruindo-o.

Logo depois era cortada a coluna cônica e substituída pelo pequeno bloco em forma de pilar, encimado por um capitel disforme e até mesmo fora do nível, que bem demonstrava a falta de conhecimentos do artista que o idealizou.

E' o que resta do velho chafariz, ali ao lado da interessante Figueira do Sambaqui, também conhecida como a **árvore do eco**.

*

A famosa "Figueira do Sambaqui", a que um dos jornais da Capital considerou como "árvore histórica", constitui a maior atração dos que visitam a pequenina cidade praiana.

A sombra de sua enorme ramada, tem-se abrigado governadores e presidentes, generais e almirantes, homens de letras e cientistas, ansiosos por conhecê-la e admirá-la.

E' que, nascida no alto de um pilar ali deixado, suas raízes, como teias, envolvendo-o, desceram para o chão, onde, haurindo nova seiva, aprofundaram-se na terra, por mais de cinqüenta metros de extensão.

E quebrando-o, transformaram-no no próprio âmago, erguendo-o em sua ascensão para o alto.

Entretanto, o que mais admira a aquêles que a contemplam, não é sua fronde majestosa, como que a dominar a ampla baía que se lhe desdobra aos pés, mas sim o eco ali observado durante certas horas do dia ou na calada da noite, reprodüzindo, nitidamente, não só palavras de muitas sílabas, mas, até mesmo frases completas.

Quantas vêzes, à tarde, ali nos encontramos com o illustre cientista patricio, o Dr. Artur Neiva, maravilhado com aquela repetição, que o eco devolvia com admirável clareza.

(141). — O açude e o primeiro reservatório do Morro de São João procediam de tempos imemoriais, sendo a água carregada em potes, através da ponte lançada sôbre a barra do rio da Olaria. No no de 1888 procedeu-se ao assentamento da primitiva canalização e construção do primeiro chafariz, que foi inaugurado às 5 horas da tarde do dia 2 de dezembro de 1888, quando também foi inaugurada a Fonte ou Tanque das Lavadeiras, que havia sido concluído em março do mesmo ano.

Daí o cognome que lhe assenta bem de — **árvore do eco.**

*

Do primitivo forte construído na ponta da Trincheira, à entrada da barra, resta apenas o nome do lugar, pois que as correntezas marítimas solapando o terreno, destruíram-no por completo; e onde há 50 anos situava-se a fortaleza, é hoje profundo canal por onde navegam os vapores.

Construído em 1820, possuía seis peças de ferro, três das quais caíram ao mar, desaparecendo.

Quanto às três restantes, foram ainda no tempo do Império transportadas para a Vila, pelo Major José Vieira de Andrade Urbano, então coletor provincial, sendo que uma delas, colocava no Morro de São João para salvar em dias de festas, explodiu numa dessas ocasiões, e as duas restantes foram, a nosso pedido, colocadas na Praça Martim Afonso, em 1931, ao lado do obelisco comemorativo do IV centenário da chegada da frota afonsina ao pôrto de Cananéia.

O cais de Cananéia, defronte do Largo da Matriz, foi construído, logo após a proclamação da República, pelo saudoso cananeense Cel. Laurindo José de Almeida.

Estendia-se até à beira do perau e aí atracaram até grandes vapores como o transatlântico “Conde Asdrubal”. Primeiramente, constava de duas escadas laterais para atracação de canoas, sendo logo depois construída outra mais larga, ocupando tôda a frente e necessária para o serviço de carga e descarga, então feito por meio de lanchões, pois só mais tarde foi que se tornou habitual a atracação dos vapores.

Nessas condições permaneceu por muitos anos até que, últimamente, com a construção do arrimo de pedras para a rua, Dr. Alcoforado, foi o velho cais ampliado para o sul, e construídos dois trapiches de madeira, lançados mais alguns metros sôbre o mar.

Entretanto, nos tempos provinciais, possuía a antiga vila de São João Batista de Cananéia dois outros, destinados ao embarque e desembarque de passageiros. O primeiro, defronte do antigo Beco do Inferno, hoje rua Rodolfo de Lima, não se prolongava além do barranco da rua do mar, — hoje Dr. Alcoforado, — mais largo, tinha duas muretas laterais.

Era de pequena extensão, não sendo mais do que uma simpels descida para a praia, sôbre a qual se estendia uma linha de pedras sôltas, que serviam de passagem até a beira d'água.

Foi arrazado últimamente, para aplicação das pedras no paredão de arrimo da mesma rua dr. Alcoforado.

O segundo, no antigo Pôrto Grande, — que desde o ano de 1931 passou a denominar-se Pôrto do Bacharel, por sugestão do Dr. José Tôrres de Oliveira, presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — não era mais do que um simples muro de metro e meio de altura por vinte metros, mais ou menos, de extensão e um metro de largura, o qual, partindo do sopé do barranco, atravessava a praia até certo ponto, onde terminava por uma pequena escada, da qual prosseguia uma linha de pedras dispostas, uma após outra, até perto do perau.

Dêste resta ainda o pequeno muro, junto ao qual termina o chamado **cais do mercado** que vem a ser o principal do pôrto de Cananéia.

*

Outra curiosidade da antiga vila eram as duas cacimbas que forneciam água à população e que ficavam situadas, a mais antiga, nos fundos da casa que foi do sr. João Pedro Ribeiro e a outra, ao lado direito da rua Rodolfo de Lima, na parte compreendida entre esta e a rua Tristão de Oliveira Lobo, onde hoje existem dois olhos d'água que as abasteciam e cujo líquido correndo continuamente por sôbre uma lage colocada em sua bôca, ia desaguar na piranga. Entretanto, embora em se tratando de água corrente, foi sua demolição levada a efeito sob o pretexto de serem ambas verdadeiros focos de pernilonços.

De sua construção no ano de 1739 conta-nos um Provimmento do Ouvidor Manuel dos Santos Lobato, que ordenou ainda que se fizessem as pontes ou arcadas na travessa, ao lado da Matriz, como se vê do Capítulo seguinte, deixado à Câmara a 15 de agôsto daquele ano:

“duas pontes de Pedra e Cal e tigollo e arcos, tendos as dittas paredes com tres palmos de largo ou pouco mais, e a fonte que fica por detraz da Matriz, mais Larga do que ao presente está feita, de aBoboda com sua portazinha na lharga, para se alimpar quando for necessario, com hum cano de ferro ou de pedra em forma que a ditta fonte corra por bica e que lhe caiba de Baixo hum potte, em forma que dê Vazão á ditta agoa, desviando hum pouco por modo de tanque, e outro sim abrir os Vallos e Canal da outra fonte (142) em forma

(142). — A referida fonte estava situada nos fundos da casa do sr. João Pedro Ribeiro.

que fique dando vazão a agoa della, e por não haver menor Lanço de outenta mil reis que deu Thomaz ferr.a com condição de se lhe fazer o pagamento da ditto quantia em tres quarteis, a saber, o primeiro pagamento no principio da obra, o segundo no meio e o terceiro resto dos ditos outenta mil reis no fim da ditto obra, a qual prometeu fazer dando-lhe Deos vida e saude, dentro do tempo de seis meses que terão principio do dia desta aRematação e outro sí, com condição que os ditos juizes e mais officiaes da Camera e os que succedem nas ditas occupaçoens serão obrigados p.a abrir os ditto vallos somente seis pessoas p.a o ajudarem, e como com as dittas condiçoins não houve quem por menos fizege a ditto obra como fica referido ouve elle ditto Dor. Ouvidor Geral e Corregedor, juizes e mais Officiaes da Camera por aRematada a ditto obra a elle ditto Thomaz ferr.a mandando o alcaide João Dominges que tambem serve de porteiro, o que fez, andando primeiro com o pregão na forma da lei e estillo em semelhantes actos se observa, pelos lugares publicos desta Villa e com effeito foi mandado elles sobreditos e elle ditto alcaide João Dominges arrematou com as mesmas condiçoins da ditto obra a elle ditto Thomaz Ferr.a que se obrigou a fazella na forma sobreditta e para constar o Referido, mandou elle doutor Ouvidor Geral e Corregedor fazer este auto q' com todos assignou. E eu Dionizio da Silva escrivão da Camera o escrevy.

Lobato / Grasia / Amaral.

Mendes / Camera / Homem.

Sinal de — Thomaz ferr.a.

João Domingues" (143).

*

Quanto às pontes, ou melhor, à cabertura do valo com pedra e cal, na passagem pelas travessas, ainda hoje podem ser observadas, ao passo que as velhas cacimbas desapareceram por completo.

Como acabamos de demonstrar, bem poucas também são as curiosidades dignas dêsse nome existentes em Cananéia, devido à destruição levada a effeito por seus próprios filhos, como aconteceu com os pilares e parte dos alicerces do incipiente Colégio dos jesuítas no sítio Ubupeba.

A mesma coisa ter-se-ia dado com a casa do Estaleiro da Nau, também conhecido por **estaleiro velho**, onde, como recor-

dação do passado, ainda se conservam alguns pilares enegrecidos pelo tempo e cobertos de urzes.

* *

Outro velho paredão é o que constitui o açude construído no Morro de São João, para captação da água destinada à caixa distribuidora da cidade.

Nas antigas fazendas, tôdas elas reduzidas a taperas, notam-se ainda numerosos vestígios dos tempos que se foram, despertando em nosso espírito a lembrança de antigos solares, casas de engenhos e grandes construções, cujos pilares, quais sentinelas mudas, perfilam-se por entre o espesso arvoredado como se fôssem espectros, montando guarda às ruínas sacrosantas.

* *

Da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que fôra começada no Largo do mesmo nome, existia apenas um espesso alicerce na frente, onde a parede se elevava à altura de um metro.

Nesse ponto, estando já assentada a pedra da soleira, foram as obras interrompidas e jamais recommçadas.

A pedra fundamental fôra assentada no dia 21 de janeiro de 1883, constando de 1864 a existência da Irmandade.

Em 1923 foi a referida parede demolida, sendo o material vendido à Empresa de Barril de Cananéia...

Últimamente, pelo Prefeito Alceu de Almeida Paiva, foi aquêlo local cedido para a construção do Pôsto de Puericultura, desaparecendo assim o antigo Largo do Rosário.

(Continua).

ANTÔNIO PAULINO DE ALMEIDA
da Sociedade de Estudos Históricos.